

COLECÇÃO AUTORES GREGOS E LATINOS
SÉRIE ENSAIOS

Delfim Ferreira Leão
José Ribeiro Ferreira
Maria do Céu Fialho

CIDADANIA
E PAIDEIA
NA GRÉCIA ANTIGA



RITUAIS DE CIDADANIA NA GRÉCIA ANTIGA

Maria do Céu Fialho

É em visível correlação com a experiência de alteridade que a experiência de identidade helénica, como de resto todas as experiências de identidade, nasce e se consolida.

O Outro, o Não-grego, que começa, desde muito cedo, a ser designado, na sua globalidade, de acordo com um critério de carácter linguístico aplicado negativamente, é o *barbaros*. Preside ao critério desta designação a experiência de estranheza helénica perante o seu linguajar incompreensível, que soa como ‘*bar bar*’ — uma espécie de onomatopeia da incongruência. Tal designação denuncia, na percepção do Outro, a incómoda incapacidade de compreensão dos seus códigos de comportamento e comunicação, a partir da linguagem, em sentido lato, da identidade.¹

¹ BACON (1961) dedica um excelente estudo a esta questão. Aí chama a autora a atenção para a indefinição de critérios, entre os Gregos, quanto às fronteiras entre a Hélade e os ‘Bárbaros’. FERREIRA (1993) p. 192, nota que os Gregos aplicam tal designação tanto a povos de civilizações tão antigas, como a da Pérsia, Lídia ou Egipto, como a povos primitivos. À construção de uma identidade que se virá, cada vez mais, a sentir como Europa, frente à realidade da diferença vivida e observada a Oriente e a Sudeste, se dedicou o volume de estudos compreendidos em FIALHO, SILVA e ROCHA PEREIRA (2005).

Por sua vez, encontra-se já amplamente estudado o alargamento semântico de ‘bárbaro’, na língua grega, de um critério meramente linguístico para o da utilização de códigos de comportamento

No entanto, a identidade helénica conhece tensões, fissuras e oposições de alteridades internas no seu seio — o Outro pode, também, ser o Grego, como rival, inimigo, invasor, infractor de códigos de comportamento. Dessa realidade nos dá testemunho, desde cedo, a própria poesia — quer sob a forma de elegia guerreira, quer, mais tarde, através da problematização de cariz trágico.² São tensões que temporariamente se esbatem e ultrapassam, quando uma ameaça, vinda do exterior, põe em risco a sobrevivência e os valores que fundamentam o sentido da existência da própria comunidade. É o caso da ameaça persa e da consciente construção de uma coesão helénica, para além da

estranhos aos valores éticos, sociais e políticos que fazem parte da construção da identidade helénica, com ou sem carga pejorativa. Lembre-se, a título de exemplo, no *Agamémnon* de Ésquilo, (919-920), as palavras do soberano, quando acusa Clitemnestra de pretender que ele assuma o comportamento de “um homem bárbaro” isto é, de alguém que não respeita o princípio da justa medida e temor aos deuses, quando o convida a entrar no palácio pisando o tapete da púrpura, apenas reservada aos imortais. Por vezes, nomeadamente na poesia dramática esquiliana, o termo *barbaros* alterna com *karbanos*, em que notamos maior frequência de conotação negativa. Eurípidés, ao representar criticamente, na sua tragédia, Gregos e Bárbaros frente a frente, os primeiros no desrespeito de valores que dizem representar e os segundos revelando uma inegável nobreza de carácter, conduzirá à subversão do binómio e à pergunta, por parte do espectador, sobre quem é, verdadeiramente, o Bárbaro: veja-se SILVA (2005) 15-91.

² Para além do próprio livro de BACON, veja-se FERREIRA (1993) 191-256, ou HALL (1989). Sobre a questão em Ésquilo veja-se também FIALHO (2001) 51-69. FERREIRA (1993) pp. 95 *sqq.* aponta como a guerra mais antiga de que há notícia, entre *poleis* gregas, a de Lelanto, em finais do séc. VIII: isto é, praticamente contemporânea da própria formação da pólis na Hélade. “A característica mais evidente da história grega é, de facto, a divisão” (*id. ibid.* p. 96).